

PRÉPOESIA

JOÃO BOSCO M. TONUCCI FILHO

poemas da aurora do poeta até os dias de hoje

A poesia

- toda -

é uma viagem ao desconhecido.

V. Maiakóvski

jontonucci@yahoo.com.br

1945

Tateando a muda terra,
Entre rochas e minérios,
Assoma a velha fera –
Pesadelo de impérios.

Arqueja o bruto corpo
Sobre pétalas: açoite.
Silêncio em solo morto
Não oculta a clara noite.

Na penumbra delirante
Tombam estrelas belas.
Já emergi o diamante
Encobrinde surdas celas.

Mistério desnudado:
Amargo o belo fruto.
Avoluma-se, cansado,
O cogumelo.

Velhice

Quando um velho velha,
O homem que ali vivia
Se empedra: perde a pluma
Da juventude, empluma
A pedra da saudade.
Mirra aquele rio mesmo
Que o trespassava desde feto.
Um velho quando velha
Parte a pedra da memória,
Reencontra a sua pluma
Mas não pode resgata-la.
Cristal então conformado,
Robustece a sua geologia
E afunda no ar do tempo
A sua vida arredia.

Cavalaria

Troar intrépido
no elétrico ar.
Cascos tremendos

sobre cacos, sacos
e farrapos.
Bostas expostas
em hortas de
moscas.
Um súbito baque –
uma bala abala
um passo – pós – passo.
O balaço ribombante –
amante do rubro
reino venoso –
desvela a voz
sem volúpia, até o grito sem
pêlo. Rasca e tomba
o pe
so
só
pe
lo
pleno riso
em boca lunar
da pistola armada.
Estuporada, a cidade
assiste atônita
ao tonto cambaleiar
do eqüino
pelas modernas esporas
abatido.

Tourada

O touro, estrênuo, estrela,
Corta a arena. Areia, centelha.

Pano rubro. Rio rubro
Pó pisoteado. Patas.

Gritos nulos. Norteado, não:
Faca feroz, falência brutal.

O touro cai. Felina violência,
Bovina aparência. Bafo, bufo,

natureza devastada.

Drummondiana

João, coloca sua dor em barril de diamante
para tirar dele o poema diário,
inquebrável linguagem e infindável
colheita de metáforas cotidianas.

E o amor, João, coloca onde?
o amor entumecendo a boca,
sedento deserto, as lembranças
se avolumando, e o amor,
coloca onde, João?

Os desejos são perigosos
e a saudade é lua
oculta em infinita nuvem.
O vento, antigo conselheiro, não responde. Nada responde.
João, o silêncio das coisas
é o silêncio do mundo.
O coração já não agüenta as amarras,
e os bolsos estão vazios.

Pior que acordar sem beijos
é ver o céu e não ter ninguém com quem
dividir a estrela vespertina.

Lírica

O amor de beijos e flechas de Cupido
é um fantasma se esgueirando
pelos seus olhos ressentidos:
quando eu os olho,
me assusta a elétrica emergência
que o silêncio prenuncia,
me assustam os recalques imediatos
pelos abraços não dados e o fanado calor
que se esvai com sua última
lágrima.
Ah, quanta solidão para apenas
um copo de vinho.
Toco sua alva pele
no azul tremeluzente
dos sonhos bem dormidos

Beat

Na casa de meu tio mais velho
entre o cheiro de parafina - minha prima
confeccionando velas -
leituras de Kerouac
e visões surrealistas

me lembrei da alma e do punhado de carne
ainda existentes em mim.

Que o tempo passe
e as estrelas floresçam em vastos campos
tão humanamente despovoados

E eu
continue com o gênio morto
poeira que bate e toda a
alma original

resgatada.

Fim de Caso

Meus olhos choram as gotas de
chuva
E o céu enfarruscado é
meu coração lânguido.
Uma banda de dois mil metais
toca uma moda antiga
E o mesmo silêncio de milhões
de anos
Se sublima no interminável pulso
do amor obcecado.
Nada se compara a essa
solidão de nave de catedral
E esse crepúsculo sem abraços
E esses beijos irreais sem lábios
de carne.
Não, nada é como essas nuvens
sem sonhos
esses abraços de ar.

Mudez

Um silêncio pousa
no lado da cidade morta
Um homem morto
pousa a memória no silêncio
de sua cova muda.
A memória silencia
o lado do amor que pesa
no relógio morto.
E a morte pousa logo
um silêncio oco
na memória do cimento.

Angústia Moderna

Esperar ansiosamente pelo canto elétrico do telefone
Se mede com a paciência muda com que os dias
Esperam a flor, laborando o açúcar do ar,
Aguardando o súbito e tácito brotar
De suas estrelas arbóreas que ferem a plenitude
Lacustre e ancestral do mar.

Aguardar os beijos- impulsos, que pelos fios
Correm com o vento triste, dissolvendo
Outros beijos e enlaçando as flores prontas
Para o amor, flores vertendo o mel da juventude
em alegria ferida pela inerência de seus espinhos:
Convívio dialético de inócua beleza, dia e lua.

Nada, nada me afasta da espera! nada,
Nem uma guerra de sicários nem a ressurreição
do esperado. Nada, nem mesmo um ciclone
que perfurasse a própria terra e sulcasse o seu
Coração de ferro, a não ser uma campainha
Que anunciasse a chegada da chuva nova de beijos.

Sentir

Sinto-me
de tanta agonia.

Acordar

Eu não quero acordar, não quero beber
Tão cedo o sangue do cimento.
Eu prefiro o sono mórbido, o reino azul,
E a penugem aveludada que recobre
A manhã que nunca se inicia.

Eu não quero acordar, não quero
Me defrontar com miríades de formas
Tetas, esperando pela minha organização
Matemática, e minha lógica
De elefante de marfim.

Não, nada disso me agrada, este céu
Luminoso penetra a retumba de minhas
Retinas e me tira lágrimas de espanto.
As formigas fluidas e a verde lua
Se recobrem de cinzas e esperam para
Serem sonhadas na noite nua que se aproxima.

Madrugada Chuvosa

chuva transparente
vidro

tristeza de horas perdidas
flores mortas

o solo tremendamente
inundado e pobre

triste pobreza de vasos
quebrados

neblina nua
fantasmas

a alba cortante
navalha

corte profundo
apenas memórias

Pantanal

seus lábios
são
 flores belicosas
contra
a sordidez pantanosa

um cântaro, um
 pântano

- coisas fechadas
 em si

mas seus lábios
 mais formosos
ainda
 quando se fecham
em
 mim

Sob o Viaduto

Sob o viaduto
dois milhões de automóveis correm por dia
de casa para o trabalho para as compras Savassi & Centro de neon
vagabundos vagam sob o viaduto com a tez e a derme de lama
anúncios de shows inesquecíveis para quem esteve por lá, os anúncios sujos,
esgarçados, amarfanhados – sol, chuva, poeira
um retrato comunista, panfletagem sob a grande sombra do insolúvel viaduto
pandeiros de metal ressoam, o retinir das rodas, a lua de aço lançando suas águas
diáfanas sobre a imundície do viaduto
corações apressados, mãos no volante, casuais mãos mentais nas carteiras da vida
contando os trocados apertados e cantando na feiras entre as fileiras de frutas e
mercadorias vencidas
eu me encosto imaginário na penumbra do viaduto fumando um cigarro e olhando o
zig- zag interminável da grande fauna humana que nunca amaina
passam os caminhões carregados de minério ou de caixas inalcançáveis pela
experiência – inesquecíveis caixas carregadas com a luz da imaginação plena
o pardo abajour solar desponta, e desvenda a cultura de cogumelos crus sob o tépido
tapete do viaduto
o viaduto espia tudo rijo, tenaz monstro de concreto cremado no dia sem palmeiras ou
nuvens como lençóis
quantos olhos nus podem descortinar a poeira que te encobre? com meu intrépido
poema torrencial desfolho suas peles humanas encardidas e te encontro finalmente
como anjo de cimento, dono de minha dor

Jazz Gutural

Meu esôfago
 carrega uma trombeta elétrica,
que aterroriza todas
 as rádios e levanta
de seus ataúdes cotidianos
 os homens adormecidos.

O jazz de minha garganta
 arranca o que há de melhor
e o que há de pior, faca ou uva,
 das engrenagens humanas
recobertas de fuligem.

Agarro as mãos
 daqueles que se escondem:
um olho no escuro,
 um sofá, uma tela,
para acordar a alma
 cansada
 da carne mecânica.

Amante Urbana

Belo Horizonte, cidade feminina,
Cidade de seios amplos, constantemente cortada
 por rodas e gente
Seios que eram virgens, com florestas
 nas encostas, rosadas no topo, amante de Apolo
Cidade fêmea, garota minha,
 aliso tua barriga enregelada
Aperto teus lábios de saudade
E tua língua fria roça minha boca
 diariamente, inundando os desertos da carne.
Durmo contigo todas as noites, amante incansável
Durmo em teus braços maciços,
 com meu corpo dentro do seu.
Vênus fugitiva do Olimpo, beleza encarnada
 celeste na terra
Ruim é saber que tantos outros te
 dividem quando o sol adormece.

Meta- Poesia

a palavra
perguntou
pra palavra
se
a palavra
perguntou
pra palavra
achou
é como
a palavra
poeta
pra palavra
poesia.
pois foi
que
a palavra
poeta
perguntou
pra palavra
poesia
se
a sua palavra
pré- anuncia
alguma meta.
a poesia
respondeu:
não
nenhuma meta
é mais meta
que a poesia:
a meta- poesia.

Negros

O homem negro reluz
as estrelas chorosas.
Lágrimas cristalinas
de bilhões de anos
por uma pele azul
açoitada por estrelas de dor,

por chibatas de suor.

O homem negro seduz
os olhos das nuvens.
A espuma do ar
veste o dia e a noite
com o manto de lantejoulas
da África fatídica.
Algodão sobre sonhos azuis,
espanta a corja de covardes
com suas chuvas de prata!

Os tambores ruflavam
o rutilo cristalino da mata.
Os negros refletiam
o lustre do rio silencioso,
a selva de palmeiras.
Enclausurados.

Negros, negros! acordem
do estupor de séculos
Cantem para que
a porcelana do norte
treme de medo
ante a força do grito escuro.

Negros, chorem
suas lágrimas de óleo
e, descamisados,
uivem a saudade
da terra, do marfim
e do rio ancestral.

Canção de Amor

Cada lágrima
é uma gota
de amor
um remanso
de solidão
uma estrela
inóspita

Os dias marcam
o coração
o amor nasce

em contração
de flor
sobre seios

Os homens pousam
seus pensamentos
no amor
perfumes enfunam
o tenso ar

Eu volto ao corpo
sem remorso
pois o amor
não agüenta
o choro
da despedida

Deitamo-nos
em profunda cama
e adormece o perigo
das buzinas
que apenas maceram
o amor

O amor não chora
mas sorri
em meio ao pranto
como a flor
em meio
ao charco
como uma mão
que esquece
a outra